

PARA O ESTUDO DAS RAÍZES PRÉ-ARISTOTÉLICAS DA LÓGICA OCIDENTAL

I. Natureza e limites do referencial aristotocêntrico em história da lógica

De acordo com toda uma tradição historiográfica de enorme prestígio — não isenta, aliás, de pressupostos e intenções interpretativas globalizantes relativamente à História da Filosofia no seu conjunto — a lógica ocidental como que teria nascido, à semelhança da Atena do mito, «inteiramente togada e armada da frente de Aristóteles». (J. JOERGENSEN, *A treatise of formal logic*, I, p. 33).

Dir-se-ia que uma tal interpretação teria tomado por sua conta a auto-proclamação da famosa passagem das *Refutações Sofísticas* em que Aristóteles reivindica para si a paternidade exclusiva da «teoria do raciocínio»:

«(...) No que diz respeito ao presente estudo, não se pode dizer que uma parte dele já tenha sido precedentemente elaborada, e que uma outra parte ainda o não tenha sido: é que, na realidade, absolutamente nada existia ainda...» (*Refutações Sofísticas*, 34, 183 b) ⁽¹⁾.

Na linha de uma tal interpretação, levada ao seu extremo, como que se dispensariam quaisquer preocupações, sequer em situar geneticamente o estatuto de tal afirmação do Estagirita na dinâmica da própria elaboração da lógica aristotélica, bem como o

⁽¹⁾ Ver, também, um ponto mais adiante: «Sobre as matérias de Retórica, existiam trabalhos numerosos e antigos, ao passo que, sobre o raciocínio, não tínhamos absolutamente nada de anterior para citar — antes tivemos que gastar muito tempo em penosas investigares» (*ibid.*, 34, 184 a).

estatuto dessa elaboração na economia global do sistema de Aristóteles⁽²⁾.

O influxo, mais ou menos directo, de tal tradição historiográfica pode ser detectado em muitas das mais reputadas obras dedicadas à história da lógica; é certo que algumas há em que é efectivamente possível constatar uma certa preocupação no respeitante à problemática das «origens pré-aristotélicas» da lógica ocidental (é o caso, por exemplo, de BOCHENSKI, KNEALE ou BLANCHÉ); mas, mesmo nestes últimos casos, o balanço que se procura traçar dos contributos pré-aristotélicos à constituição da lógica surge orientado no sentido de os considerar sobretudo como contributos à constituição da lógica do próprio Aristóteles.

Porém, o influxo do referido ponto de vista é sobretudo notório em todas as interpretações que propendem a encarar a lógica aristotélica, não apenas como «a primeira elaboração teórica da lógica», mas também, e sobretudo, como verdadeira *matriz de toda a lógica ocidental* (matriz, tanto da sua evolução histórica como das concreções sistemáticas que foram emergindo ao longo dessa mesma evolução)⁽³⁾.

⁽²⁾ O que, contudo, se tornou matéria obrigatória de reflexão, a partir dos trabalhos relativos à génese do *Corpus Aristotelicum* e, mais especificamente, dos tratados do *Organon* — nomeadamente a partir dos estudos já clássicos de MAIER, SOLMSEN, GOHLKE, E. WEIL, etc., por muito diferentes ou até opostas que sejam as teses respectivas ou o seu juízo sobre o lugar ocupado pela Lógica na obra de Aristóteles.

Cumpre, contudo, notar que já F. ENRIQUES, comentando essa passagem das *Refutações* (e limitando-lhe porventura o seu sentido e alcance) afirmava: «Aristóteles es tenido por padre de la lógica; pero solo cabe considerarlo como recopilador de lo que — en este campo — fué elaborado antes de él, cualquiera sea la contribución original que pudo haber aportado al sistema» (F. ENRIQUES, *Para la Historia de la Lógica*, Buenos-Aires. 1949, p. 8).

⁽³⁾ Esta expressão «elaboração teórica da lógica» deverá ser entendida no seu múltiplo sentido de:

- a) prática de investigação e de reflexão (e elaboração conceptual dessa prática) sobre um conjunto de problemas lógicos (isto é, sobre o domínio *material* dessa disciplina), em ordem à sistematização (i.e., à *constituição em sistema*) das soluções dadas a esses problemas; o que — no que se refere a Aristóteles — implicaria de algum modo a sua consciência da necessidade de dotar a disciplina dedutiva, assim constituída, de requisitos mínimos, teóricos e sistemáticos, ao nível, peio menos, daquilo que contemporaneamente já se praticava no

Porém, embora se possa considerar relativamente pacífica a tese segundo a qual é em Aristóteles que efectivamente encontramos «a primeira elaboração teórica da Lógica» (nos termos definidos na nota anterior), já um problema sensivelmente diferente

domínio da elaboração teórica da matemática grega; ora, não deixará *de* ser pertinente citar a este propósito a arguta observação de F. ENRIQUES quando diz: «(...) la misma polémica aristotélica contra adversários no nombrados (por ejemplo, acerca de la necesidad y del carácter de los principios en los últimos Analíticos, I, 3), indica que el problema lógico del ordenamiento de una ciencia deductiva habia sido debatido según diversos puntos de vista, algunos de los cuales se revelarían — ante un examen profundo — más cerca de la concepción moderna, frente a la adoptada por el filósofo de Estagira» (op. cit., p. 9);

- b) elaboração de um *corpus* lógico, dotado de um limiar suficiente de consciência do seu «estatuto teórico» face ao conjunto dos saberes racional-filosóficos e/ou científicos; o mesmo é dizer: elaboração de uma lógica, assumida seja como *episteme*, seja tão-somente enquanto *techne*, *dynamis* ou *organon* — mas, em qualquer caso, perspectivada e dimensionada (no seu estatuto próprio, na sua função, natureza, limites e alcance próprios) relativamente às outras *epistemai*, *technai* ou ainda ao sistema da filosofia.

Por outras palavras, a expressão «elaboração teórica da lógica» poderá designar a efectiva *constituição* e *articulação* dos domínios material e conceptual dessa disciplina, acompanhada da consciência, quer da sua diferencialidade característica em contraposição às restantes disciplinas, quer do estatuto da sua eventual inserção no interior do sistema global do saber.

É óbvio que, nesta caracterização de «sistema teórico», estamos evitando a aplicação extemporânea de critérios próprios da Lógica Formal ou da Axiomática dos nossos dias — tais como aqueles de que LUKASIEWICZ se serviu na sua tentativa de reconstituição axiomatizante da silogística aristotélica. Cremos contudo ter fornecido alguns critérios suficientes para abordar e discutir a questão da paternidade aristotélica da «primeira elaboração teórica da lógica» — e, designadamente, a questão de saber se (ou por que) deve ser recusada aos pensadores e correntes precedentes (particularmente a Platão) a consecução plena de um esforço teórico da mesma índole o com o mesmo sentido. A saber, por exemplo, se deveremos considerar — na esteira de W. e M. KNEALE — que o contributo lógico de Platão se terá cifrado sobretudo na discussão de certos problemas e em investigações meramente atinentes à Filosofia da Lógica («Although (...) Plato was perhaps averse to the study of formal logic for its own sake, he is undoubtedly the first great thinker in the field of the philosophy of logic», *The Development of Logic*, Oxford, 1962, p. 17); ou, ainda, se deveremos — à semelhança de BOCHENSKI — considerar como «gran mérito de Platón para con la lógica formal: el haber hecho posible con su labor la aparición de esta ciencia con Arisíóteles» (*Historia de la Lógica Formal*, Gredos, 1966, p. 51).

(na sua natureza e implicações teóricas e historiográficas) se levanta a respeito dessa outra tese de acordo com a qual «a lógica aristotélica constituiria a autêntica matriz de toda a lógica ocidental». Desde logo, cumpre de facto distinguir, nesta última tese, dois aspectos: a) «a lógica aristotélica seria a matriz da evolução histórica da lógica ocidental», ao fornecer-lhe o *corpus* fundamental de problemas e soluções, periodicamente reexaminado e aprofundado; b) «matriz, igualmente, das concreções sistemáticas que foram emergindo ao longo dessa evolução», ao ser a lógica aristotélica a fornecer o *modelo configurador* segundo o qual sempre se viria a articular e estruturar a dialéctica dos problemas e investigações lógicas empreendidas no devir do pensamento ocidental ⁽⁴⁾,

Trata-se, para além disso, de um conjunto de questões suficientemente controversas, na medida em que tal tese propende, desde logo, a vincular a valoração da constituição da lógica em Aristóteles,

- a) por um lado, às exigências intra-sistemáticas de coesão do pensamento de Aristóteles no seu conjunto (e escamoteamento assim a *autonomia de processo de constituição* dos diversos ramos do sistema aristotélico: metafísica, psicologia, lógica... etc.);
- b) e, por outro lado, vincula essa valoração da lógica de Aristóteles à valoração do próprio destino histórico-filosófico do sistema aristotélico — destino esse valorado, por seu turno, não apenas segundo a óptica *positivista* que faz passar do *facto* à *norma* as vicissitudes diacrónicas do seu processo de «dogmatização» e «escolasticização», mas valorado também segundo critérios idealizadores que tendem a reconhecer o aristotelismo

⁽⁴⁾ Cumpre contudo assinalar que, já em 1942, E. KAPP se situava em oposição frontal ao conteúdo desta tese, quando declarava não pretender fazer da lógica grega «the standard of logic in general»:

«On the contrary, in my opinion modern logicians make themselves or at least their audiences too dependent on the original Greek conception and constitution of a science of logic, whenever they refer to or oppose the doctrines and peculiarities of Aristotelian logic in a way that gives the impression that the subject matter and purpose of this, ancient logic were identical with those of modern logic». (Ernest KAPP, *Greek foundations of traditional logic*, New-York, 1942, p.3).

como *momento* particularmente privilegiado do devir histórico da Razão ocidental (no quadro do qual teria cabido ao aristotelismo estatuir — pelo menos durante muitos séculos — a respeito da normatividade fundamentados e estruturadora do discurso e do saber filosófico e científico).

A tal postura não são estranhos dois factores: por um lado, a fortuna posterior de que a lógica aristotélica efectivamente gozou na história intelectual do Ocidente e o facto de se ter procedido — na melhor tradição da historiografia positivista — à já referida «passagem do facto à norma»; e, por outro lado, a ausência generalizada de preocupação em indagar criticamente as condições que terão tornado possível a Aristóteles efectuar essa «primeira elaboração teórica da lógica» — o mesmo é dizer: as condições que ditaram, não somente a possibilidade, mas igualmente o carácter peculiar dessa emergência numa «teoria da lógica» em Aristóteles.

É que, em todo o rigor, não se nos afigura legítimo ladear essa dificuldade, a saber: a indagação dos factores (endógenos e exógenos) que tornaram *possível* a eclosão/condensação, no espírito de Aristóteles, desse momento teórico em que, por um lado, se assiste à emergência e autonomização de uma nova disciplina — emergência e autonomização que, por outro lado, e por seu turno, só se poderiam ter operado mediante uma certa e determinada opção, por parte de Aristóteles, no tocante à delimitação e articulação dos domínios material e conceptual dessa nova disciplina ⁽⁵⁾.

⁽⁵⁾ Ora, uma das questões que terá interesse aprofundar é a de tentar explicar o *modo dessa articulação* que, em Aristóteles, se observa entre o domínio conceptual e o domínio material da lógica; parece-nos, nomeadamente, do máximo interesse discutir a importância da relação destes diferentes aspectos:

- a) as *exigências internas* da sistemática aristotélica no seu conjunto (serão elas que fornecem os critérios para o estabelecimento dos modelos conceptuais?);
- b) os *aparelhos conceptuais* já preparados por investigações e reflexões precedentes, os quais incidiam sobre:
- c) um *domínio material* muito amplo — atinente a questões de índole matemática, linguística, retórica, dialéctica, gnoseológica e/ou epistemológica — e, até mesmo, já embrionariamente *lógica*.

Ou seja: diremos, para abreviar, que se tem descurado a questão, não apenas dos valiosos contributos pré-aristotélicos à constituição da lógica ⁽⁶⁾ de que o Estagirita terá sido o legatário, mas ainda — e sobretudo — da triagem *altamente selectiva* a que Aristóteles terá submetido esse património, em ordem a operar uma delimitação do domínio material da nova disciplina, a fim de edificar — através da reflexão teórica incidindo sobre esse domínio — um novo aparelho conceptual.

Em qualquer caso, a tese que tende a vincular a génese e a estrutura da problemática lógica de Aristóteles às exigências que o sistema imporia ao seu «organon» apresenta por si própria certas dificuldades internas de vulto. Assim — e deixando de lado, por agora, a questão (que essa tese não explica) da autonomia de processo na constituição dos diversos ramos do sistema aristotélico — tal tese, para ser aceite nas suas múltiplas implicações, deveria:

- a) permitir *compreender e explicar quais* os critérios intra-sistemáticos que levaram Aristóteles a operar uma selecção tão altamente redutora no campo dos problemas e investigações legados pela reflexão e prática precedentes:
- b) mostrar que tais critérios de selecção se teriam revelado, interna e externamente, consistentes e fecundos — isto é: que, da sua aplicação, teria resultado uma concepção da lógica que:
 - por um lado, se afirmasse como a única tentativa de síntese e superação possível do legado anterior;
 - por outro lado, cumprisse assim os seus próprios objectivos intra-sistemáticos, isto é, respondesse adequa-

⁽⁶⁾ É que, como muito certamente nota G. CALOGERO, «i problemi a cui essa [la logica] rispondeva non avevano la loro genesi soltanto nel sistema aristotelico bensì si erano venuti formando durante tutta l'evoluzione del precedente pensiero greco» (in art. «Logica» da *Enciclopedia Italiana*, vol. XXI, p. 390). Confrontar, a este respeito, o ponto de vista proposto por E. W. PLATZECK (*La evolución de la lógica griega*, Barcelona, 1954 e *Von der Analogie zum Syllogismus*, Paderborn, 1954) com o tratamento da questão em algumas obras mais recentes — como, por ex., L. SICHIROLLO, *La Dialettica*, Milão, 1973, V. CELLUPRICA, *La logica antica*, Turim, 1978, ou J. BARNES, *The Presocratic Philosophers*, Londres, 1979.

- mente às exigências formuladas pela economia do sistema aristotélico a respeito do estatuto da própria lógica;
- e, por outro lado ainda, fornecesse à evolução posterior da lógica o cânon adequado as exigências de fundamentação e estruturação do saber e do discurso.

Todavia, o que não é menos certo é que tal tese deixa por explicar:

- não somente por que motivo a tentativa de Aristóteles não foi senão (e apenas) *uma dentre as várias* tentativas de superação possíveis do Jgado anterior;
- não somente por que motivo a concepção aristotélica falhou no seu próprio desígnio, nomeadamente na tentativa de resolver e superar as aporias da Dialéctica Platónica (vide, por exemplo, o problema da «demonstrabilidade da definição»);
- mas, igualmente, por *que motivo*, a seu lado (e contra ela) se *constituiu* um *corpus* diferente de problemas e soluções (precisamente a *lógica megarico-estóica*), a que cabe reconhecer, não apenas a paternidade da lógica sentenciai, mas também um impulso mais decidido no campo da formalização, duma articulação mais estreita com o domínio da linguística, da semiologia e da epistemologia, etc., e sem cujas aquisições dificilmente se poderão compreender os desenvolvimentos sintácticos e semânticos da própria lógica medieval.

II. Questões de método: do mito à racionalidade lógica — — gênese e estrutura nesse processo

De qualquer modo, um problema particular subsiste no que diz respeito à *gênese histórica* da Lógica como disciplina autónoma. Esse problema reside desde logo na *dificuldade* em discernir a gênese da própria noção de racionalidade e, por outro lado, em discernir matrizes e linhas de filiação genética (para a problemática e a investigação lógicas) a partir da estrutura daquilo que, *grosso modo*, iremos designar por «pensamento filosófico arcaico». Dificuldade, aliás, que não deixa de manifestar curiosas correspon-

dências com essa outra que genericamente se reporta à gênese do próprio pensamento filosófico a partir da estrutura do pensamento mítico) ⁽⁷⁾.

Antes de prosseguir, convém sublinhar um ponto; ao estudar a gênese da lógica ocidental, ou ao analisar o processo do trânsito do mito à razão (J. - P. VERNANT), não partimos do pressuposto de que a consciência mítica fosse desprovida de toda e qualquer forma de racionalidade, nem pretendemos escamotear o facto de a própria razão filosófica ter sido obrigada a voltar a recorrer ao mito — mesmo se como mero expediente de recurso...

Postularemos, sim, a existência de uma «lógica» do mito, uma «razão mítica» — tal como, *mutatis mutandis*, existe um *logos* filosófico, uma *racionalidade* filosófica. E entendemos, nesta ordem de ideias, que há que indagar o trânsito dessa «razão» mítica para a racionalidade filosófica — na convicção, porém, de que tal trânsito não se terá operado de uma forma brusca, por meio de uma qualquer discontinuidade radical, e que, pelo contrário, poderá ser de alguma utilidade metodológica considerar a *hipótese* de um tipo de «*racionalidade híbrida*», ainda tributária de alguns aspectos da lógica do mito (por exemplo, ausência de contradição entre o verdadeiro e o falso; complementaridade dos contrários; a ambiguidade como um mecanismo essencial dessa lógica de contrariedade — cfr. M. DETIENNE, *Les Maîtres de Verité dans la Grèce Archaique*),

⁽⁷⁾ De resto, a própria noção de «pensamento filosófico arcaico» (tratada, entre outros, por CALOGERO, *Storia della logica antica* -I e C1. RAMNOUX, «Sur l'archaïsme en philosophie» in *Études présocratiques* -I) está longe de permanecer isenta de dificuldades, e até mesmo de ambiguidade. Em todo o caso, tal noção não poderá deixar de responder a questões como estas;

— sob que *tipo* de lógica se estrutura esse «pensamento filosófico arcaico» no seu confronto, por um lado com a «lógica» do mito, e por outro com a lógica da racionalidade filosófica posterior?

— ou ainda: será esse «pensamento filosófico arcaico» um pensamento *sobretudo arcaico* (ou seja, um prolongamento, embora timidamente racionalizante, do pensamento mítico), ou será antes um pensamento sobretudo *já filosófico* (isto é, marcando sobretudo uma ruptura com a estrutura e as categorias do *logos* mítico, se bem que ainda incipiente na formulação e estruturação *lógica* do seu discurso)?

— por conseguinte: onde e como se deve situar verdadeiramente a emergência da racionalidade filosófica? — o mesmo é dizer: onde e como a *ruptura lógica*? e qual a *lógica dessa ruptura*?

mas já tendencialmente orientada para a conquista de um novo tipo de racionalidade (lógica da contradição) — e é justamente essa «racionalidade híbrida» que achamos que se poderá designar por «pensamento filosófico arcaico».

Para além dessa dificuldade que acabámos de referenciar, aquilo que, na nossa opinião, está sobretudo em causa é determinar onde se devem reconhecer as *[unções constituintes]* e as primeiras *estruturas constituídas* daquilo que mais tarde virá a ser tematizado sob a designação de «Lógica»:

- no trânsito do pensamento mítico para o pensamento racional (filosófico ou científico)? — a ser assim, tais funções e estruturas apareceriam, já, como ingredientes constitutivos do próprio pensamento racional-filosófico;
- ou terá sido, a partir da própria prática do pensamento racional que se terá tornado possível — mediante uma reflexão sobre os seus procedimentos explicativos, argumentativos, expositivos, etc., — constituir um *corpus* de problemas e investigações que terão conduzido à circunscrição dos domínios material e conceptual da Lógica em sentido estrito? (⁸).

Deparamos, efectivamente, com um contencioso sobre a prioridade a conferir à questão da origem (*gênese*) ou ao problema da *estrutura* — contencioso este que, na sua formulação e solução, comporta (isto é, pressupõe e implica) posturas epistemológicas e

(⁸) Note-se, a título de exemplo, que não é possível esquivarmo-nos a certo tipo de perguntas como as que G. E. R. LLOYD coloca no início do seu *Polarity and Analogy*: «(...) how far(...) is it possible to determinate what assumptions were made concerning the cogency of different types of argument in the period before Plato? How far do pre-Platonic thinkers explicitly formulate the principles or assumptions on which their arguments are based? And how far did Plato carry the analysis of different types of argument? (...) As in the study of the development of modes of argument, three types of problem present themselves, first to identify the modes of explanation which were most commonly used in practice, second to trace the development of ideas on methodological problems, and third to analyse the interaction between theory and practice (where one may consider how far the ideas expressed by different Greek philosophers and scientists on the subject of method influenced either the types of theories they proposed or the way in which they attempted to establish them)» (G. E. R. LLOYD, *op. cit.*, pp. 2-3).

teóricas bastante gerais, atinentes à própria identificação e caracterização das primeiras manifestações genuínas da «Filosofia» no pensamento grego ⁽⁹⁾.

Porém, qualquer que seja a solução a dar ao problema levantado pela chamada «tese do milagre grego», da só será completa e consistente se contemplar, não apenas a questão da «eclosão» da Filosofia e/ou da Ciência na Grécia, mas igualmente a questão da eclosão da problemática e das investigações lógicas no pensamento grego (seja na génese do próprio pensamento filosófico e/ou científico; seja na economia interna da sua estruturação; seja, ainda, na sequência da reflexão posterior à constituição da própria Filosofia e Ciência gregas).

Ora, se quisermos escolher um exemplo mais concreto onde se manifestam as referidas dificuldades em discernir matrizes e linhas de filiação genética para a problemática e investigações lógicas, poderemos encontrá-lo na questão respeitante: à *origem do silogismo*, E o que é curioso verificar é que nessas dificuldades tropeçam inclusivamente os mais ilustres cultores do chamado «método histórico-genético» ⁽¹⁰⁾.

⁽⁹⁾ Repare-se, a título de exemplo, nas discrepâncias tão vivas em torno de questões como estas: terá existido uma «*cesura epistemológica*» entre o Mito e a Filosofia? — e, se existe, onde e como situá-la?; por outro lado: poder-se-á considerar já-filosófica a «física» pré-socrática (nela incluindo obviamente o pitagorismo, Heraclito e o Eleatismo)?, ou ainda: qual o «estatuto filosófico» da Sofística?

⁽¹⁰⁾ Repare-se, por exemplo, na seguinte passagem de J. PIAGET: «(...) La syllogistique d'Aristote a été longtemps considérée comme une théorie parfaite et achevée dès sa naissance, sans que l'on se demande d'où le Stagirite l'avait tirée par abstractions réfléchissantes» (..) «Mais à vouloir reconstituer les filiations historiques, c'est à dire psycho-socio-génétiques, on ne saurait remonter très haut. La logique d'Aristote et celle des Stoïciens, quoique non formalisées, constituent déjà des élaborations réflexives très poussées, mais à partir de quelles formes de pensée opératoire, elles mêmes non encore «réfléchies»? C'est ici que l'histoire s'arrête (...)» (J. PIAGET, «Épisteméologie de la Logique» in *Logique et Connaissance Scientifique*, pp. 395 e 384).

E, se citamos este grande expoente do método histórico-genético, não é evidentemente para proceder ao julgamento sumário do método, mas pelo contrário para o prevenir contra os seus «obstáculos epistemológicos internos» — o menor dos quais não será por certo, como o mostra o exemplo citado, a dificuldade em determinar onde terminam os recursos da vertente histórico-crítica do método e onde se impõe um apelo privilegiado à sua vertente psicogenética...

E, contudo, a questão da origem do silogismo constitui um dos temas mais tratados pela historiografia respeitante à lógica de Aristóteles (vide, nomeadamente, os trabalhos específicos de P. SHOREY, de W. D. ROSS, de F. SOLMSEN, de A. MANSION, entre outros).

É certo que tal questão se vem tornando cada vez menos controversa — e cremos que a opinião expressa por P. AUBENQUE reflecte um grande consenso a respeito do problema: «La théorie du syllogisme (...) est née historiquement du souci, apparu en Grèce aux V^e-IV^e siècles avant J.-C, à la fois chez les Sophistes et dans l'école platonicienne, de codifier les règles de la discussion: en ce sens, la syllogistique a commencé par être un procédé dialectique avant qu'Aristote ne s'avise du rôle qu'il pouvait jouer, sous sa forme démonstrative, dans la constitution de la science» (art. «Syllogisme» in *Encyclopaedia Universalis*, vol. 15, p. 606).

Quisemos — através deste ponto, citado a título meramente exemplificativo — chamar a atenção para a *necessidade* de tomar na devida conta a complexidade do papel que os factores *exógenos* terão desempenhado na *gênese* da doutrina lógica de Aristóteles — e não apenas aqueles que resultariam das exigências de *coerência estrutural* do sistema aristotélico.

Tal bastaria para nos dar a medida da amplitude do campo de pesquisa e análise que se oferece a quem pretenda abordar a questão das raízes da lógica ocidental na filosofia grega pré-aristotélica ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ É certo que, por um lado, um tal programa de investigação irá excluir — nos próprios termos em que é enunciado — o árduo problema das relações entre a emergência e o desenvolvimento da lógica ocidental e as lógicas hindu e chinesa; mas, por outro lado, não deixará de ser interessante examinar *até que ponto* poderão os resultados de um tal estudo:

- contribuir para o debate em torno de certas questões centrais da *crise de crescimento* da lógica dos nossos dias; mais concreta mente: que novas pistas, para a solução das suas *dificuldades intra-sistemáticas*, pode a lógica ocidental encontrar através do «re-conhecimento» das suas raízes na filosofia grega pré-aristotélica?
- contribuir, num plano inter-sistemático, para a *redescoberta* de certos *elos interdisciplinares* entre disciplinas hoje autonomizadas (como a lógica, a linguística, a matemática, a epistemologia, a semiótica geral, etc.), e entre as quais se instaurou um divórcio e um contencioso tantas vezes ininteligível...

Aliás, a natureza do tema reclama desde logo um dispositivo metodológico à altura da complexidade da respectiva problemática: o *modelo interpretativo* deverá ser dotado simultaneamente de consistência e plasticidade para estar apto a interrogar (com a máxima fecundidade e com riscos mínimos de inflexões reducionistas) um tal campo historiográfico; a «*hipótese de trabalho*» escolhida deverá ser susceptível, a um tempo, de interpelar o processo histórico-cultural sem jamais deixar de se interrogar a si própria, isto é, sem jamais deixar de pôr permanentemente à prova a sua própria fecundidade e coerência.

III. Uma «hipótese de trabalho»: das reflexões pré-aristotélicas sobre o LOGOS à constituição da lógica como disciplina autónoma

O programa de investigação que enunciámos cumprir-se-á através da pesquisa das raízes dos problemas e investigações, cujo desenvolvimento posterior veio enriquecer os domínios material e conceptual da Lógica e a contribuir para a definição do seu estatuto teórico enquanto disciplina autónoma.

Sucede, porém, que a constituição de uma teoria da lógica na Grécia não representa senão a cristalização específica de um processo mais vasto, representado pelo progresso da racionalidade nos diversos domínios sócio-culturais: racionalização da prática cívica (de que a laicização da palavra e as disputas dialécticas nas Assembleias surgem como aspectos mais salientes); racionalização da prática científico-técnica; racionalização, enfim, dos meios (explcativos, argumentativos, expositivos) da expressão filosófica⁽¹²⁾.

(¹²) Sem preocupações de originalidade, achamos contudo de alguma utilidade evocar (apoiados era F. CHATELET) alguns dos traços dessa evolução cultural e científica, em cujo quadro a concepção grega do homem e do seu mundo se foi progressivamente secularizando, laicizando e racionalizando. Note-se, especialmente, a modificação de estilo e de sentido dos géneros culturais:

- a tragédia que, de função fundamentalmente religiosa, se torna cerimónia cívica;
- a comédia que, de jogo burlesco, passa à crítica política;

Do ponto de vista da teoria da historiografia, parece-nos que poucos autores como M. CAVEING terão apreendido, com tanta justeza, toda a complexidade objectiva e subjectiva do estudo do fenómeno representado pelo progresso da racionalidade na sociedade e no pensamento gregos (¹³).

-
- a história e a geografia, nas quais as descrições lendárias e as genealogias míticas cedem o lugar à análise e à descrição precisas de paisagens e costumes, a sequências de acontecimentos sumptuosamente narrados;
 - a medicina que, das recursos ambíguos da adivinhação, passa à indagação das causas da doença;
 - a «física» que, das especulações mágicas, passa ao estudo das relações entre fenómenos;
 - a arte da palavra que, de apanágio das famílias nobres, se converte num meio à disposição de qualquer cidadão para a defesa das suas opiniões e interesses; (cfr. «Du mythe à la pensée rationnelle», in *La Philosophie Païenne*, Hachette, Paris, pp. 18-19).

(¹³) De Facto, cremos que seria difícil ser mais eloquente que M. CAVEING quando escreve:

«(...) L'état actuel des travaux sur la société, la civilisation et les formes culturelles de la Grèce se trouve être assez avancé pour qu'on assiste ici et là à des tentatives de synthèses au moins partielles autour du thème de la rationalité. Les méthodes et les hypothèses de la sociologie historique sont mises en oeuvre; une sociologie de la connaissance cherche sa voie.

En bref, l'idée de la rationalité se trouve à l'horizon de trois types de recherches qui se poursuivent indépendamment l'une de l'autre, et le plus souvent sans communication:

- philosophes et historiens de la philosophie se proposent de la déterminer au niveau des doctrines élaborées dans lesquelles les penseurs de la Grèce en ont produit la manifestation et l'ont eux-mêmes thématisée, prenant pour objet de leur réflexion la rationalité de leur propre parole et la rendant du même coup philosophique;
- historiens des sciences et des mathématiques notamment retrouvent le concept méthodologique de rationalité et l'idéal de la connaissance scientifique au terme d'une description analytique de la technique opératoire, des procédures de démonstration, des formes d'axiomatisation;
- enfin, les historiens sociologues découvrent la rationalité au niveau de l'étude des institutions de la Cité, comme un caractère de leur fonctionnement, ainsi que dans les contenus culturels qui, au gré des interprétations, seraient ou le fondement ou le réflet de cette 'praxis'» (M. CAVEING, *La Constitution du type mathématique de l'idéalité dans la pensée grecque*, ed. Université de Lille-III, 1982, vol. I, pp. 5-6).

Ora trata-se, na nossa opinião, de promover e instituir uma interdependência e uma efectiva cooperação entre esses três ramos da pesquisa. A inteligibilidade da emergência da racionalidade filosófica — e, mais especificamente, da *racionalidade própria da Lógica*, no interior do discurso filosófico — só terá a beneficiar com o aprofundamento dos novos conhecimentos obtidos nos outros dois domínios onde se manifesta essa vecção racionalizante: o do desenvolvimento científico e o da esfera institucional e cultural da Polis.

Entretanto — e sem nos pretendermos antecipar aos resultados de uma investigação mais profunda que terão que ser circunstanciadamente documentados — cremos que é desde já possível traçar (a título de síntese pessoal, mas com o mínimo carácter polémico possível) um quadro repertoriando os principais factores de ordem filosófica e/ou científica que terão contribuído para a emergência da problemática e das investigações lógicas no pensamento grego anterior a Aristóteles;

I—Problemas filosóficos gerais:

o conflito permanência/devir; a exigência da inteligibilidade da *physis*; relações entre o real objectivo, o pensamento e a linguagem; as relações uno/múltiplo, todo/partes, finito/infinito, contínuo/discontínuo, divisibilidade/indivisibilidade, medida / incomensurabilidade, corporeidade/incorporeidade do real; relações *physis/nomos* e lei natural/lei humana, verdade/opinião/erro/falsidade...

II — A reflexão sobre o Logos (e a dissociação dos diversos planos da sua tematização):

- a) *Logos*, enquanto *Razão Universal*, legitimadora duma adequabilidade (homologia) entre, por um lado, o real objectivo e, por outro, o pensamento e a linguagem que, respectivamente, o pretendem conceptualizar e exprimir;
- b) *Logos* enquanto *cálculo* (medida e comensurabilidade) *concebível*;
- c) *Logos* enquanto *discurso*, do qual se procura dilucidar a estrutura e a potência significativa.

(Um pouco mais adiante iremos apresentar um quadro mais detalhado da concepção do Logos nos Eleatas, em Heraclito e em Górgias).

III— Os estudos linguísticos (aquilo que, por antecipação, se pode designar por morfologia, sintaxe, semântica e pragmática do discurso) —► (taxionomia das palavras, estudos sobre as sinónimas e a precisão do sentido dos termos, estudos sobre a relação entre a disposição do discurso e o encadeamento psicológico das ideias, etc.) contribuindo para:

- a) a *definição* e a *classificação* dos conceitos;
- b) o conhecimento dos *processos dianoéticos*.

IV— A Retórica, não somente enquanto estudo das condições da eficácia oratória, mas também enquanto «*saber genérico*», cuja aquisição prévia confere ao seu detentor a «capacidade» de valorar qualquer conhecimento e acção (preludiando, assim, a concepção aristotélica da lógica como disciplina propedêutica, fundamentadora e estruturadora do saber e do discurso).

V — A Dialéctica, enquanto arte da argumentação, impulsionando:

- a) a pesquisa (ou a utilização implícita) de *regras gerais de inferência, válida* (encadeamento de proposições);
- b) o estudo dos *paradoxos*, e a tematização do problema da *predicação*;
- c) a descoberta de *procedimentos refutativos* (por exemplo, a «redução ao absurdo»), baseados no recurso a princípios lógicos (como o de não-contradição ou terceiro-excluído).

VI — A crise dos referenciais absolutos de validade (de que são exemplo: a «questão dos irracionais», a negação sofística de uma verdade absoluta e/ou de uma ciência universalmente válida) em confronto com:

VII — O **desenvolvimento de estudos positivos** (proto-científicos) sobre certos domínios do real [«física» (meteorologia, biologia, psicologia...), medicina, geografia, história, economia, política] reclamando critérios seguros para a fundamentação dos respectivos saberes e discursos,

VIII — A **crise e o desenvolvimento dos métodos demonstrativos na matemática**—► os progressos no sentido da sua *axiomatização*.

Todavia, quando se estudam os contributos pré-aristotélicos à constituição da lógica ocidental, é preciso não perder de vista o problema de saber se esses contributos preparam, não apenas a emergência da lógica enquanto disciplina autónoma, mas também — embora com outra dinâmica e com ritmos diferentes — o desenvolvimento ou o aprofundamento de outros domínios de aplicação dessa racionalidade emergente, designadamente de outras disciplinas, a saber: a linguística, a poética, a retórica, a dialéctica, a semiologia, a gnoseologia, a axiomatização das matemáticas, etc.... Tratar-se-á, pois, de determinar se, na via conducente; à sua autonomização, a lógica ocidental terá disposto de mais alguns «*compagnons de route*», os quais — cada um à sua maneira e à sua medida — terão influenciado interactivamente a configuração dos primeiros e decisivos esboços de que a lógica ocidental viria a ser objecto, designadamente da parte de Aristóteles e da corrente megarico-estóica.

Um outro problema, por outro lado, será o que diz respeito às modalidades segundo as quais se terá operado essa dissociação e diversificação das intenções teóricas acima mencionadas. Mas partamos, para já, daquilo que poderá ter constituído o *proto-domínio material* sobre o qual se vieram aplicar os domínios conceptuais das disciplinas respectivas.

Se pretendermos encontrar um denominador comum a todas essas reflexões e investigações pré-aristotélicas (e aos seus correspondentes aparelhos conceptuais) — que operam no sentido de constituir um domínio de objectos (sobre os quais se vão aplicar essas intenções teóricas diversificadas) — encontrá-lo-emos, na nossa opinião, precisamente nas reflexões e investigações pré-aristotélicas sobre o *logos* (entendido na sua múltipla acepção de

«razão», «discurso», «cálculo», «medida», «pensamento», «doutrina», etc.).

No quadro da evolução do pensamento filosófico arcaico, tal reflexão sobre o *logos* ter-se-á constituído a partir do momento em que se opera uma decisiva mutação na especulação proto-filosófica: ou seja, a partir do momento em que as aporias emergentes da dialéctica das diversas soluções propostas para o problema da *physis* dos *onta* terão provocado uma nova tomada de consciência teórica, traduzida no assumir das exigências de uma inteligibilidade («lógica») da *physis*.

Em termos sucintos poderá dizer-se: tratava-se de explicar de que modo a *physis* fornecia os meios da sua própria inteligibilidade, isto é, se o *logos* (enquanto principio de inteligibilidade do real objectivo através do *nous/noein*, e enquanto fundamento da comunicabilidade dessa inteligibilidade) se fundaria na própria *physis* — numa palavra: se o *logos* era *physikos*; e, do mesmo passo, tratava-se de determinar se a *physis* — ao receber, em retorno, esse testemunho da sua inteligibilidade (ou seja: da sua eficácia e operância sobre os diversos domínios do real, designadamente sobre o pensamento, o conhecimento e a linguagem) se revelaria, ela própria, «lógica». Como é bom de ver, a questão que aqui se levanta é a da possibilidade ou não de uma homologização dos diversos planos do real (transcendente, noético, linguístico...), de uma comunicabilidade do saber baseada nessa homologia, assim como a dos critérios dessa homologização — a qual levanta, por seu turno, o problema dos domínios não homologizáveis (vide: «*logos* versus *pensamento* 'afastado do *logos*'» (Heraclito); «*Logos* versus *onomata*» (eleatismo); «*logos* versus *alogon*» (pitagorismo); «*physis* versus *nomos*» (Górgias); etc.).

Dada a importância que, do nosso ponto de vista, a reflexão sobre o *Logos* vai desempenhar na génese e na concepção da lógica (tanto na aristotélica como na estóica), achamos útil sintetizar num quadro o resultado de algumas indagações por nós efectuadas e respeitantes à concepção do *logos* nos Eleatas, em Heraclito e em Górgias — apresentadas de um triplo ponto de vista: «ontológico», gnoseológico e/ou semiológico e axiológico:

CONCEPÇÃO DO LOGOS

Ponto de vista:	NOS ELEATAS
«ontológico»	<p><i>Logos = Physis</i> — identidade radical do ser (<i>einai</i>) e do ente (<i>eon</i>), do pensar (<i>noein</i>) e do pensado (<i>noema</i>), do dizer (<i>legein</i>) e da dicção (<i>logos</i>)</p> <p><i>Physis</i> ≠ <i>Nomos</i></p>
gnoseológico e/ou semiológico	<p style="text-align: center;">[Dis-curso (<i>onomata</i>) ← → <i>Nomos</i>] [<i>Logos</i> ≠ <i>Onomata</i>]</p> <p>— Logos, não como discurso, mas sim enquanto dicção do Un(ic)o contínuo e indivisível</p> <p>— conceptibilidade e predicabilidade simplesmente tautológica e/ou negativa do ser</p> <p>— impossibilidade da predicação positiva, em virtude da inconceptibilidade e indeclarabilidade do não-ser (i.e., do múltiplo, do movimento, da mudança)</p> <p>┌ Função dos <i>onomata</i>:</p> <p style="padding-left: 20px;">— instrumento «dialéctico-intersubjectivo» de demolição (por 'redução ao absurdo') das hipóteses do múltiplo, da mudança, do movimento;</p> <p style="padding-left: 20px;">— «ilustração» da impotência do dis-curso (mental ou linguístico) para conceptualizar e exprimir o real]</p>
axiológico	<p>— referencial («persuasivo») para a conversão ao Un(ic)o («via da verdade»)</p>

CONCEPÇÃO DO LOGOS

Ponto de vista:	EM HERACLITO
«ontológico»	<p>— razão universal («diakosmética»), princípio subjacente e estruturador da dialéctica cósmica:</p> <p style="margin-left: 20px;">— impulsiona, dirige e «mede» o devir</p> <p style="margin-left: 20px;">— unifica a diversidade } da totalidade</p> <p style="margin-left: 20px;">— re-solve a discontinuidade } -em-devir</p> <p>— engendra, pelas suas dissenções internas, as «inteligências» (dos diversos <i>sujeitos</i>)</p>
gnosiológico e/ou semiológico	<p>— representação inteligível do jogo imanente à dialéctica cósmica</p> <p>— princípio de inteligibilidade do real: «doutrina do Uno»</p> <p>— faculdade genético-dinâmica da Alma</p> <p>— <i>discurso</i> homólogo do «ser-em-devir da totalidade» (carácter «fragmentário» e estrutura «diatáxica» do discurso filosófico)</p>
axiológico	<p>— princípio director da conduta moral dos «philosophoi» —► viver (i.e., <i>agir e falar</i>) conformemente à natureza (<i>physis</i>).</p>

CONCEPÇÃO DO LOGOS

Ponto de vista:	EM GÓRGIAS
«ontológico»	<p style="text-align: center;">[Inexistência (e, portanto, inconceptibilidade e indeclarabilidade/in-comunicabilidade) da <i>Physis</i>]</p> <p style="text-align: center;"><i>Logos</i> \neq <i>Physis</i></p>
gnoseológico e/ou semiológico	<p style="text-align: center;">Não existe { { verdade absoluta { ciência universalmente válida</p> <p>Logos = Discurso, não sobre a <i>Physis</i>, mas enquanto <i>factor</i> e <i>fautor</i> de <i>Nomos</i> (= convenção = consensualização)</p> <p>Logos = Discurso enquanto instrumento de persuasão (retórica) e de argumentação (dialéctica)</p> <p style="text-align: center;">[função «psicagógica» do Logos: a <i>taxis</i> do Discurso influencia a <i>taxis</i> da Alma (= encadeamento psicológico das ideias)]</p>
axiológico	<p style="text-align: center;"><i>Logos</i> = <i>Pharmakon</i></p> <p style="text-align: center;">— o discurso, não como meio de exprimir as coisas, mas de valorar as acções e de promover o <i>consenso</i> em torno dessa valoração.</p>

Ora, é igualmente no contexto evolutivo dessas reflexões sobre o *logos* que devem ser procuradas — e poderão, talvez, ser encontradas — a génese e a maturação dos conceitos de base de que se irão dotar as diversas disciplinas atrás mencionadas.

Veja-se, por exemplo, o caso da matemática — onde o problema do *logos* enquanto razão, cálculo, proporção... vai suscitar as famosas questões dos irracionais, do contínuo, do infinito, e bem assim da quadratura do círculo, da trissecção do ângulo ou da duplicação do cubo — as quais, não somente impulsionaram a investigação matemática (forçando-a a transpor as limitações inerentes às concepções aritmo-geométricas do pitagorismo primitivo), mas igualmente terão conspirado no sentido da sua axiomatização progressiva.

No que respeita à lógica — e contrariamente à tese tradicional, segundo a qual o contributo dos pré-socráticos à lógica teria sido o de levantar problemas que caberia à lógica aristotélica resolver —, pensamos que existe uma efectiva legitimidade em colocar as seguintes questões:

- 1) até que ponto existem, anteriormente a Aristóteles, *efectivas investigações* sobre problemas propriamente *lógicos*, induzidas quer pela consciência da necessidade de responder às exigências de inteligibilidade «lógica» da *physis*, quer por uma reflexão directa sobre os próprios procedimentos explicativos, argumentativos, expositivos, *etc.*?
- 2) até que ponto terão subsistido alguns problemas de *alcance lógico*, levantados no pensamento pré-aristotélico e aos quais a lógica aristotélica não soube dar nem solução nem resposta — e que poderão explicar a razão de ser dessa outra tentativa de síntese superadora do legado anterior, representada pela corrente megarico-estóica?

Entendemos pois que se deverá proceder à indagação das raízes da lógica ocidental, começando por efectua-la no quadro do exame da «problemática primitiva» do *logos*, cujas dimensões internas:

— por um lado, teriam permitido a autonomização progressiva de certos domínios que serão reivindicados e tematizados

por intenções teóricas cada vez mais especificadas e diversificadas (matemáticas, retórica dialéctica, linguística, epistemologia, etc.), lado a lado com a lógica propriamente dita;

- por outro lado, permitirão talvez esclarecer o campo das complexas interdependências e interacções de que se nutrem os desígnios teóricos de Aristóteles e dos Estóicos, nas suas tentativas de constituir uma lógica enquanto disciplina fundamentadora da validade do saber e do discurso.

Nessa medida, interessará em particular analisar as modalidades sob as quais se terá processado — tanto em Aristóteles, como nos Estóicos — a assunção de todo esse património de problemas e investigações «lógicos» que lhes foi legado pelos pensadores e correntes precedentes, ou mesmo contemporâneos. Será justamente a essa luz que deveremos interpelar o próprio Aristóteles através de um modelo interpretativo que procure dar conta da articulação, no seu próprio pensamento, dos diversos problemas e investigações (relativos à argumentação racional, à teoria do logos, à fundamentação da validade intrínseca do raciocínio, e à estrutura do discurso e do saber científico) que por certo conspiraram na génese e na determinação da estrutura da sua própria elaboração teórica da lógica. Tal modelo interpretativo deverá assim questionar a articulação recíproca (e o estatuto respectivo) da Dialéctica, da Hermenêutica e da Analítica no interior do sistema aristotélico — procurando dar resposta, não somente à questão do lugar ocupado pela lógica na evolução intelectual de Aristóteles, mas igualmente à questão relativa à sua própria concepção da lógica (enquanto «organon» do saber) em confronto com a concepção estóica da lógica (enquanto «*parte* da Filosofia»).

FRANCISCO BEJA SARDO

(Bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian)